

O repto

Raquel Turetti¹

Ele se penteava. “Pentear pra quê?”. De súbito pensou. “Minha calvície é tão previsível quanto as reclamações diárias de Tarcísio sobre o governo federal”. Riu por um instante. “É sempre divertido pensar em Tarcísio”, concluiu com um sorriso de menina-moça contido nos lábios. Reinaldo se distraía com Tarcísio, seu colega de trabalho há 11 anos. Tarcísio: a definição perfeita do sujeito questionador, que lê a primeira página de jornais de cunho direitista, tem opiniões embasadas nos comentários ouvidos nos pontos de ônibus e no que assiste nos telejornais noturnos. Recentemente, aderiu ao Facebook e comprou um celular com compartilhamento Android. Hobby: exibir seu pueril conhecimento tecnológico no almoçarifado.

Reinaldo e Tarcísio. Solitários, cada um ao seu modo. Aquele assumidamente só, a não ser pela constante presença de sua vizinha, Carlota, com quem mantinha uma relação de desprezo e carisma. Já Tarcísio, divorciado convicto, contava histórias sobre seus encontros com mulheres descobertas em salas de bate-papo virtuais e seu relacionamento com suas filhas, que fingia ser fraternal. Narrava com orgulho para Reinaldo os *nicknames* que ele criava nos chats: *Meu corpo quer você; Meu vício é você; Amante à moda antiga; De Camaro Amarelo*. “Que mau gosto”, queixava-se Reinaldo, embora sorrindo. “Meu repertório é variado, companheiro... em todos os sentidos”, completava Tarcísio, sempre exibindo seu comportamento macho e estapafúrdio. Reinaldo sorria a cada frase profana recém-saída da boca de Tarcísio. Da solidão de Reinaldo, um segredo pode ser revelado: ele buscava Tarcísio nas conversas de bate-papo. Os codinomes igualmente bisonhos: *Gatinha Assanhada; Idade da Loba; Mulher de Quarenta; Presença de Anita*. Chegava até mesmo a fazer uma rápida busca com os apelidos informados por Tarcísio, pacientemente, sala por sala.

O cortejo se repetia todas as noites. Naquela quinta-feira de céu nublado o ensejo não foi diferente. Reinaldo não continha sua euforia enquanto bebericava um vinho tinto merlot de qualidade duvidosa. Contudo, era difícil para Reinaldo esconder de Carlota sua busca. Sentia-se arrepiado toda vez que ouvia a fechadura de seu apartamento ser incessantemente corrompida por ela. “Meu Rei! O que você faz aí? Abre, preciso que veja minha blusa de cetim nova!”. “Cetim, haveria coisa mais fora de moda? Onde se encontra blusa de cetim?”

¹ Jornalista graduada pela Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora.

Certamente comprou um pano em uma loja qualquer da rua Oliveira Santos e pediu Dulce, a costureira de gosto igualmente estapafúrdio, para que a fizesse”. Abriu a porta. Havia dúvidas. Dulce fez aquela blusa que, além de cetim, estava repleta de babado.

“Que demora para abrir essa porta, homem de Deus... o que cê tá fazendo? Ih computador de novo? Larga isso não?”. Reinaldo já se acostumara com o jeito arbitrário de Carlota e seus gostos duvidosos tanto para roupas quanto para homens. Mas ainda assim lhe causava incômodo a presença daquela mulher que adentrava sua casa como se fosse Napoleão conquistando a Áustria.

“Rei, vamo sair comigo... a Marta vai, tá doida pra te conhecer! Falei com ela que você que fez o quadro da *Brida* no meu quarto. Ela achou você muito caprichoso”. Reinaldo, embora estivesse de humor pacífico, teve que beber a meia taça de vinho restante de uma só vez para acompanhar a tagarelice absurda de sua condiscípula. Verificou a taça vazia, concluiu que, de fato, o vinho era de péssima qualidade devido ao excesso de lágrimas deixado ao redor do vidro. “É Frida”, corrigiu Reinaldo em silêncio. Não haveria, afinal, por que corrigi-la verbalmente. Não era o tipo de mulher que se intimidava com correções de cunho intelectual.

Decidiu aceitar o convite de Carlota. O forró proposto por ela não poderia ser mais óbvio. A dupla que se apresentava como sertaneja, mas que ia do brega ao funk com uma facilidade que beirava o admirável. Homens em beberico buscando mulheres de maquiagem e esmaltes hiperbólicos, com a esperança de que os colos e o sexo oferecido por elas fossem igualmente vigorosos como seus gostos pessoais. Neste cenário estava ela, Carlota. Não era necessário palco para aquela mulher. A atriz. A louca. A feminilidade intrínseca por trás da maquiagem de marca barata. A mulher em seu substantivo mais primitivo, fêmea. Três, quatro homens a cortejavam e ela correspondia a cada um deles pelo simples desejo de provocar. Não interessava se sairia dali com fama de puta ou santa. O importante era saber que o pau do macho se erguia diante de seu repto.”

Marta não apareceu. “Ou não passava de um truque de Carlota para exhibir o quanto é admirada pelos homens?”, Reinaldo não conseguia disfarçar a ojeriza que sentira de sua vizinha ao longo da noite. Como esperado, Carlota não investiu pretensiosamente em nenhum dos homens que a desejaram naquela noite. Retornou com Reinaldo, sentiu sono e repousou em seu colo durante o trajeto.

Na chegada, Reinaldo acomodou Carlota em sua cama. Enquanto ela dormia, roubou um cigarro de sua bolsa. Sentiu-se aflito. Concluía que odiava Carlota e questionou até quando seria *baby sister* daquela mulher. Da sala, ele ouviu seu ronco. “E se os homens daquele forró ignóbil a vissem agora... seria divertido... quem sabe poderia filmá-la... levaria no almoxafado. Tarcísio se divertiria como nunca”. Reinaldo, porém, sabia que jamais teria coragem de tal gracejo. A não ser para se distrair com Carlota e somente com ela. Em seu âmago, Reinaldo a amava. Não com ardor, mas com admiração contestável, certa amargura e constante aflição e a amava, sobretudo, por falta de amar alguém a quem se vela o sono.

Reinaldo pouco dormira naquela noite e sentiu as consequências de tomar vinho sem analisar a autenticidade da safra. Besteira pensar naquilo agora, estava atrasado para o trabalho. Carlota seguia em sono profundo. “A bela adormecida à espera do beijo”. Sono este que cessaria às 11 horas e seria fatalmente banido com café forte sem açúcar. “Deve ser bom ser como Carlota, viver às custas da pensão do pai falecido”, concluiu Reinaldo enquanto bebericava seu último gole de mate gelado.

Naquela manhã, não foi só o inesperado atraso de Reinaldo que causou estranheza no almoxafado. Tarcísio aparentava sintomas de ser portador de uma tristeza irreparável. Queixou-se do tempo frio e não notou a quebra da pontualidade inglesa de Reinaldo - comentar obviedades e ignorar a delonga de seu colega, sem sequer uma dose de ironia gestual, definitivamente não fazia parte dos trejeitos diários de Tarcísio. Após uma manhã atípica, Reinaldo ficou feliz quando Tarcísio queixou-se do governo. O habitual estribilho entoava novamente seu refrão.

“Somos solitários não é mesmo, meu amigo?”. Reinaldo não disfarçou a surpresa diante do comentário de Tarcísio após retornar do almoço. Observou a sala. Estavam a sós. “Você é um camarada que não comenta da sua vida, Reinaldo, hoje estou me dando conta disso. Que tal sairmos para bebermos uma?”. Reinaldo sentiu sua pele se esfriar rapidamente. Queria se esconder em qualquer buraco confortável e quente. Se Carlota era o habitual Napoleão, Tarcísio se apresentava, naquele momento, como Czar Alexandre I, tirando sua vida da obviedade e lhe trazendo uma rompante surpresa. Quem seria Reinaldo entre as duas figuras alegóricas da sua vida? O rei da Áustria, talvez? Ou uma terra prestes a ser conquistada? Certamente não. Seria muito pretensioso e precoce imaginar que seria o troféu de alguém.

Explicou para Tarcísio que não costumava sair para bares. “Onde estou com a cabeça, Deus? Era pra aceitar o convite deste homem para qualquer lugar que fosse”. Tarcísio conseguiu por fim surpreender Reinaldo de forma vitaminótica. “Podemos ir para a minha casa ou a sua, o que acha?”. Reinaldo sentia sua pele surpreendentemente gélida. Concordou com um gesto de cabeça. “Então, pode ser na sua? Minhas filhas estão lá em casa hoje, sabe como é”. Novamente, com um gesto de cabeça, concordou. Restavam três horas e vinte e um minutos para o fim do expediente. Não foi necessário sala de bate-papo, presumiu. Cantarolou em sua mente uma música que ouvira na rádio um dia desses e que na ocasião lhe soara patética, porém, naquele instante, entoou o verso e cogitou a existência de cosmos e conspirações do universo.

Tarcísio impressionou-se com a organização da casa de Reinaldo, exceto pelas vasilhas sujas e mal distribuídas pela pia de granito. Reinaldo percebera que Tarcísio reparava cada detalhe. Culpou mentalmente Carlota. Era um erro deixar Napoleão tomar conta de seu espaço. Mas agora Alexandre I estava ali para sua posse oficial. O que Reinaldo não previu, entretanto, foi que não só rastros de sua condiscípula estavam ali. Mas sua esgotável presença pôde ser confirmada quando ouviu o chuveiro ser ligado. “Há mais alguém aqui companheiro? Olha não queria te atrapalhar”, exclamou Tarcísio com tom de deboche.

Reinaldo sentiu que era necessário despachar aquela mulher imediatamente. “Víbora, serpente... cobra”. Todas as espécies do ser réptil estavam incorporadas no imaginário de Reinaldo para definir Carlota naquele instante. Pediu um momento para Tarcísio e foi até o banheiro. Não hesitou em abrir a porta. Expulsar Carlota de sua casa tornou-se uma ideologia. Quando adentrou o banheiro, não deixou de notar que ela tinha belo par de seios, surpreendentemente enrijecidos, mesmo com a idade. Mas a barriga era flácida e as nádegas repletas de marcas que Reinaldo não conseguia diferenciar se eram estrias ou celulites. Ele se sentiu triunfado ao ver as imperfeições daquela mulher, constatou que nua não passava de um pedaço de carne devorado pelo tempo e que o par de seios logo seria destruído também.

Carlota se assustou com a truculência de Reinaldo em puxá-la para fora do boxe. “O que foi Rei? Decidiu virar macho?”. Ele poderia desconsiderar as palavras de Carlota se elas não fossem ditas de forma límpida, confirmadas por seu olhar assustado. Então era assim que ela o via. “Uma bicha, uma bichona, maricon, como se não tivesse pinto, apenas uma bunda para ser comida”.

“Saia daqui agora!”. Disse em tom ameno para não chamar a atenção de Tarcísio. Carlota, porém, recuperada do susto, gritou: “O que tá acontecendo, homem de Deus?”

Tarcísio, tomado de curiosidade, se aproximou da porta do banheiro ainda trancada. “O que houve, colega? Tudo certo?”. Carlota lançou um sorriso maledicente a Reinaldo.

Havia finalmente compreendido toda transição de seu velho cúmplice. “Abra a porta, eu saio, Rei, te deixo em paz com quem você quiser”. Reinaldo, ainda preocupado com a nudez de Carlota, tirou a camisa, a vestiu e colocou a toalha na parte inferior do corpo. Checou a aparência de Carlota. “Sem maquiagem é até feia e a raiz do cabelo denunciando seus cabelos brancos. Perfeita”. Permitiu a saída de Carlota, como se ela fosse um cãozinho acoado por seu dono. Contudo, em vão. Reinaldo desconhecia boa parte das malícias de Carlota: ao dar as costas a Reinaldo, ela deixou um seio seu à mostra, vira uma escultura certa vez em que todo o corpo da mulher estava coberto por um manto, exceto um dos seios. Imaginou que um dia faria aquilo e o fez.

Ao sair do banheiro, imediatamente pôs seus olhos em Tarcísio. Ele, inevitavelmente, em seu seio. Carlota o fitou sem dizer uma palavra e se dirigiu para o quarto de Reinaldo que, por sua vez, não acreditava no que vira naqueles curtos instantes. Parecia estar nas filmagens de um folhetim. Sentiu-se ingênuo.

Tarcísio, na posição de soldado, a aguardou na porta do quarto. Em vão, Reinaldo tentou chamar Tarcísio para si. Deveria tocá-lo, sentir aquele homem viril de alguma forma. Não poderia subestimar jamais a concorrência, principalmente naquele momento crucial. Reinaldo pensava, Carlota se produzia. Não demorou como de costume. Saiu do quarto sem cetim e sem babados, mas portando um vestido preto de alça tomara-que-caia, valorizando justamente seu melhor atributo. Sorriu para Reinaldo. “Imagino que não vá se incomodar se eu levar seu amigo para tomar um chopp comigo num bar por aqui”. “Aceita o convite?”, fitou seu olhar a Tarcísio que, prontamente, aceitou a proposta. “Desculpe amigo, marcamos algo na próxima vez”, e acompanhou Carlota, que já o apressava. Reinaldo permaneceu estático no banheiro ainda fumaçado.